

Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil¹

Mariana Reis de Brito^{2,3} e Luci de Senna-Valle²

Recebido em 17/09/2010. Aceito em 4/04/2011

RESUMO

(Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil). A comunidade caiçara da Praia do Sono ainda sustenta hábitos e tradições de antigas gerações, o que foi facilitado pelo difícil acesso a esta praia. O presente trabalho objetiva investigar o conhecimento sobre as plantas medicinais nesta comunidade. Foram realizadas entrevistas com 12 informantes especialistas (6 homens e 6 mulheres). As 89 espécies citadas estão distribuídas em 43 famílias, sendo Lamiaceae e Asteraceae as mais representativas. As indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas foram agrupadas em 13 categorias de doenças, seguindo a CID-10, adotada pela OMS. As informações sobre as partes das plantas utilizadas, as indicações de uso e os locais de coleta foram indicados. Dez espécies apresentaram grande versatilidade quanto aos seus usos, com IR>1. Treze espécies, sendo *Cecropia pachystachya* Trec.; *Davilla rugosa* Poir et e *Trema micrantha* (L.) Blume nativas do bioma Mata Atlântica, apresentaram valores de CUPc maior que 50%. Estes resultados servem de estímulo para novos trabalhos nessa área e para futuros estudos sobre os constituintes químicos e as propriedades farmacológicas destas plantas.

Palavras-chave: etnobotânica, comunidades litorâneas, abordagem quantitativa

ABSTRACT

(Medicinal plants used in the “caiçara” community of Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brazil). The “caiçara” community of Praia do Sono retains some of the habits and traditions from ancient generations. This may be due to the difficulties of accessibility to that area. This paper aims to investigate the knowledge about the medicinal plants in this community. Twelve specialist informants were selected and interviewed (six men and six women). Eighty-nine species were cited, belonging to 43 botanical families. Lamiaceae and Asteraceae are the most representative ones. Therapeutic indications were decoded and grouped in 13 categories of diseases. This classification follows the ICD-10 adopted by WHO. Information regarding the plant tissue used, their uses and the collection sites were indicated. Ten species showed great versatility of uses, with IR>1. Of the 13 species that have CUPc values over 50%, *Cecropia pachystachya* Trec.; *Davilla rugosa* Poir et and *Trema micrantha* (L.) Blume are native to the Atlantic Forest. These results can be used as a motivation for further studies in the area and also can provide the basis for future studies on chemical constituents and pharmacological proprieties of the plants cited.

Key words: ethnobotany, coastal communities, quantitative approach

Introdução

Estudos etnobotânicos de registro de plantas, seus usos e formas terapêuticas por grupos humanos têm contribuído tanto para planos de conservação e manejo de ecossistemas (Prance 1995) como no campo da fitoquímica e farmacologia, inclusive como ferramenta para o descobrimento de novas drogas (Elisabetsky & Souza 2004). Atualmente existe uma crescente produção de artigos científicos nesta área, refletindo uma conscientização do potencial do estudo etnobotânico, especialmente nas pesquisas de plantas medi-

cinais. De acordo com a opinião endossada por Manzali de Sá (2006), o conhecimento de populações tradicionais sobre plantas biologicamente ativas é um elemento valorizado pelos pesquisadores que atuam na área de desenvolvimento de novos fármacos.

Seguindo a tradição, as plantas medicinais continuam sendo bastante empregadas na medicina popular de hoje em dia, no preparo de remédios caseiros. Este fato deve-se provavelmente às dificuldades impostas às populações pelos sistemas de saúde vigentes. As comunidades rurais dificilmente conseguem atendimento médico, devido a falta

¹ Parte da dissertação de Mestrado da primeira Autora

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Botânica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

³ Autor para correspondência: marianareis2002@hotmail.com

de uma unidade de saúde minimamente equipada e às más condições das estradas e transportes públicos.

A Mata Atlântica possui influência em todos os campos da cultura brasileira e, mais que qualquer bioma do país, guarda os marcos de nossa história. Portanto, sua destruição ameaça além da riqueza e diversidade florística, um rico patrimônio histórico e diversas comunidades tradicionais, que constituem parte importante da diversidade cultural do Brasil (MMA 2002). Assim, o estudo sobre os recursos medicinais em comunidades tradicionais está se tornando uma necessidade urgente, já que se corre o risco de perder não somente as espécies nativas potencialmente úteis, mas também o conhecimento que orienta seu uso, obtido pela experiência de contato estreito com seu ambiente transmitido de geração para geração.

Esta pesquisa foi desenvolvida na comunidade caiçara chamada Praia do Sono, situada na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), no litoral sul do Rio de Janeiro. O levantamento bibliográfico indicou que o conhecimento acumulado sobre as relações entre as populações caiçaras e o meio natural em que estão inseridas se restringe às áreas situadas dentro de Unidades de Conservação, e evidenciou a ausência de estudos sobre estas relações na comunidade caiçara da Praia do Sono.

A pesquisa etnobotânica numa comunidade ainda não estudada é uma oportunidade de acessar uma riqueza de informações de cunho etnográfico e de recursos biológicos, que podem servir de subsídios para trabalhos mais focados em determinados aspectos, como, por exemplo, a bioprospecção de novos fármacos ou manejo de áreas de conservação (Diegues & Viana 2004).

A cultura caiçara surgiu na Mata Atlântica do litoral dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, da miscigenação entre índios, colonizadores portugueses e, em menor grau, escravos africanos (Sanches 2004). Segundo Diegues & Arruda (2001), tal identidade cultural tem adquirido força nos discursos políticos com o objetivo de dar aos caiçaras um peso e importância equivalentes, na forma da lei, às culturas indígena e quilombola.

Como base da sobrevivência da unidade familiar estão as atividades de agricultura itinerante de corte-queima, pesca e extração de recursos do ambiente, como plantas empregadas para fins alimentares e medicinais (Begossi 1998). Segundo Willems (2003), esta dependência dos recursos naturais para a sobrevivência atribui aos caiçaras um caráter altamente adaptativo ao ambiente no qual estão inseridos.

Adams (2000), ao rever a literatura sobre os caiçaras, levantou 180 publicações entre 1934 e 2000. Diegues & Arruda (2001) realizaram um levantamento bibliográfico indicando 104 trabalhos significativos sobre as comunidades caiçaras e sua cultura, sendo 15% destes específicos para o litoral do Rio de Janeiro.

O presente trabalho objetiva investigar o conhecimento sobre as plantas medicinais na comunidade caiçara da Praia do Sono. Levando-se em consideração que o grupo

estudado interage diretamente com o bioma da Mata Atlântica, acumulando amplo saber sobre suas espécies vegetais, buscou-se especificamente: registrar as espécies medicinais cultivadas e as que são obtidas pelo extrativismo em áreas de vegetação nativa; analisar a importância relativa de cada táxon citado pelos informantes e avaliar a concordância de uso popular para eleger plantas medicinais nativas com potencial para estudos farmacológicos.

Material e métodos

Área de estudo

A Praia do Sono localiza-se na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ) que está situada na Área de Preservação Ambiental do Cairucu (APAC), no município de Paraty, Estado do Rio de Janeiro. Esta praia encontra-se localizada nas coordenadas 23°19' 55,2" de latitude sul e 44° 37' 57,8" de longitude oeste e possui 1365 metros de extensão.

A APAC compõe-se de uma parte continental de 33.800 ha e de uma parte insular, com 62 ilhas, (Marques *et al.* 1997). Sobrepõe-se parcialmente ao Parque Nacional da Serra da Bocaina, e abrange totalmente a REJ que tem uma área de 8.000 ha.

A REJ é constituída por numerosas praias que permeiam os costões rochosos cuja ponta mais extrema empresta o nome à mesma, "Ponta da Juatinga", e abriga ainda 12 núcleos de ocupação de populações tradicionais, que se distribuem, em sua maioria, ao longo do litoral, em cinco principais núcleos: Praia do Sono; Ponta Negra; Praia Grande do Pouso da Cajaíba; Ponta da Juatinga e Mamanguá. Os núcleos se relacionam entre si e usam a cidade de Paraty como centro de comércio e serviço, apesar da precariedade de acesso (SEMADS-RJ 2001).

Aspectos históricos e sócio-econômicos - Há cinquenta anos moravam no local 220 famílias, que viviam da pesca artesanal e agricultura, constituindo uma comunidade caiçara tradicional. Com a abertura da BR 101, um grande especulador comprou as terras e indenizou 203 famílias, ficando apenas 17 delas que lutaram bravamente pela posse de suas propriedades. Hoje, apesar de não haver um levantamento atualizado, estima-se a população da Praia do Sono em 60 famílias e 350 habitantes.

A comunidade dispõe de uma escola que atende crianças do ensino fundamental, depois disso os alunos têm que recorrer a outros locais e, conseqüentemente, a maioria abandona os estudos. O atendimento de saúde é praticamente nulo, pois não há posto de saúde. Geralmente os moradores utilizam os conhecimentos tradicionais para se tratar e se for algo mais sério, vão ao hospital de Paraty. Na Praia do Sono não existe sistema de captação de água, tratamento de esgoto ou energia elétrica e toda a infra-estrutura é muito precária.

A organização social do grupo é baseada na unidade familiar e, de modo geral, está de acordo com as descrições propostas por Sanches (2004), que definem as comunidades

caiçaras presentes na Mata Atlântica. Os laços de solidariedade são muito presentes e podem ser observados nas constantes práticas de: (a) mutirão para a construção ou ampliação das moradias; (b) puxada coletiva de canoas; (c) coleta de barro, (d) de madeiras como jacatirão (*Miconia cinnamomifolia* Triana), chile ou casca-preta (*Pera glabrata* (Schott) Baill.), simbiíba ou simbiúva (*Hirtella hebeclada* Moric. ex DC.), dentre outras e (e) do sapê (*Imperata brasiliensis* Trin.), nos meses de setembro a dezembro, na época da seca.

Diversos depoimentos relatam que o cultivo de roça diminuiu drasticamente, mas ainda é possível encontrar em quintais alguns pequenos plantios de cana (*Saccharum officinarum* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e milho (*Zea mays* L.), geralmente para consumo próprio, e de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz). A produção de farinha de mandioca é feita na única casa de farinha existente na comunidade, que recorda a tradição da cultura alimentar. Os moradores da Praia do Sono associam a diminuição do número de roças a duas questões: as restrições ambientais e a diminuição da mão-de-obra, visto que as novas gerações não se interessam mais pela lavoura, dando preferência às atividades remuneradas.

O turismo é uma atividade que vem crescendo nos últimos anos, com um significado econômico muito importante para a comunidade, que aposta nele como via para a conquista de uma vida melhor. Esta atividade se configura na forma de aluguel de chalés, casas e quintais para camping, na oferta de refeições e no serviço de transporte e passeios de bote.

A dificuldade de acesso, a ausência de energia elétrica e as tarefas dos moradores envolvendo o ambiente, são agentes facilitadores que contribuem para que a comunidade da Praia do Sono sustente hábitos e tradições de antigas gerações. Porém, os avanços da tecnologia vêm propiciando o acesso ao local, com a substituição das canoas a remo pelos botes a motor, o que acelera o traslado dos habitantes e dos turistas. Pode-se dizer que atualmente os caiçaras da Praia do Sono encontram-se à margem da sociedade global, tanto espacial como socialmente, refletindo um momento dinâmico de transformação e resistência sócio-cultural, seja no modo como expressam seus valores e costumes seja como se apropriam de outros.

Coleta dos dados

O trabalho de campo compreendeu o período de fevereiro de 2008 a junho de 2009. As visitas à comunidade foram mensais e costumavam durar em média quatro dias. Visitas prévias foram realizadas a fim de conhecer melhor a comunidade e seus códigos de conduta.

Para alcançar a lista de informantes especialistas em potencial, foram utilizadas as técnicas de bola de neve (Bernard 1995) e busca ativa (Albuquerque *et al.* 2008), com o intuito de priorizar as pessoas que ainda têm o hábito de utilizar

plantas no seu dia-a-dia. Os dados foram obtidos através das técnicas de observação direta, participante (Cotton 1996) e registro de entrevistas por meio de um gravador, com o consentimento prévio dos informantes. As entrevistas foram conduzidas com base de um questionário semi-estruturado (Albuquerque *et al.* 2008; Martin 1995).

Com intuito de coletar o material botânico indicado pelos informantes foram conduzidas incursões à mata utilizando-se a técnica denominada “walking in the woods” de Alexiades & Sheldon (1996). As espécies da praia e as cultivadas nos quintais dos entrevistados e as informações a respeito destas também foram coletadas. As visitas à mata foram acompanhadas por cinco dos seis homens que participaram da pesquisa e realizadas nos trechos da floresta mais freqüentados por eles. Já as áreas de praia e quintais foram percorridas com todos os 12 informantes.

Todo o material botânico coletado foi herborizado, identificado e depositado no herbário do Museu Nacional/UFRJ (R). A identificação botânica foi feita a partir de bibliografia específica para cada grupo, da comparação com exemplares dos acervos dos herbários do Museu Nacional (R) e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) e da consulta a especialistas. O sistema de classificação adotado segue o APG III (2009). A atualização nomenclatural foi conferida através das bases de dados W3 tropicos (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular trópicos) e IPNI (The International Plants Names Index).

Análise dos dados

Buscou-se classificar o “status” das plantas coletadas, sendo consideradas as seguintes definições: plantas nativas, aquelas pertencentes ao domínio da Mata Atlântica e plantas exóticas, as espécies oriundas de outras áreas, segundo as obras de Corrêa (1926-1978) e Stehmann *et al.* (2009).

As indicações terapêuticas das plantas medicinais indicadas foram decodificadas e agrupadas de acordo com o sistema biomédico convencional, seguindo a “Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde” (CID) adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (WHO 2007), sempre buscando respeitar as informações dos entrevistados e minimizar possíveis distorções.

Algumas vezes os sintomas eram pouco específicos, o que dificultava a categorização dos sistemas corporais. Portanto, quando necessário, uma pesquisa mais profunda era feita com os informantes através de perguntas que possibilitavam esclarecer minimamente a questão.

A fim de avaliar a importância relativa de cada espécie medicinal citada pelos informantes, foi calculado o Índice de Importância Relativa (IR) de Bennett & Prance (2000), onde o valor máximo alcançado por uma espécie corresponde a 2,00 e é obtido através da fórmula:

$$IR = NSC + NP,$$

Onde, NSC é igual ao número de sistemas corporais tratados por uma espécie (NSCE) dividido pelo número

total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV); e NP é igual ao número de sintomas atribuídos a uma espécie (NPE) dividido pelo número total de sintomas atribuídos à espécie mais versátil (NPEV).

Para analisar a concordância entre as respostas dos informantes sobre o uso medicinal das plantas, o fator CUPc foi calculado para as plantas medicinais citadas por três ou mais informantes através da fórmula (Amorozo & Gély 1988):

$$CUP = Fid/FeX100$$

Onde, *Fid* é o número de informantes que citaram usos principais, e *Fe* é o número de informantes que citaram o uso da espécie.

Para evitar distorções entre plantas citadas por muitos informantes e as citadas por poucos informantes, o valor de CUP encontrado foi multiplicado por um fator de correção (FC), que corresponde a razão do número de informantes que citaram uma dada espécie pelo número de informantes que citaram a espécie mais citada. Assim, encontra-se o valor de “CUP corrigido” (CUPc):

$$CUPc = CUP \times FC$$

Resultados e discussão

Foram entrevistados 12 informantes (n=12) que detinham o conhecimento da vegetação local, com idade entre 29 e 88 anos, sendo 6 homens e 6 mulheres. Dez deles são nativos da Praia do Sono, e apenas dois vieram de regiões circunvizinhas, sendo que residem na comunidade com tempo superior a 50 anos.

Os entrevistados relataram que aprenderam o uso das plantas com os pais e avós que as utilizavam no cotidiano, como pode ser observado nas seguintes falas: “*Tudo que aprendi de planta foi com minha mãe e minha avó, eu prestava atenção no que elas usavam e acabei aprendendo também*” (Sra. E.); “*Meu pai era do tempo dos antigos, tudo era uma dificuldade aqui e eles usava as pranta pra tudo. Aprendi usar com ele*” (Sr. D.). Entretanto, a observação de campo indica que as informações sobre as plantas também fluem através de redes informais de conhecimentos, onde saberes e práticas são difundidos entre vizinhos, amigos e familiares de forma muito dinâmica, por meio de trocas de mudas, sementes e receitas.

Foram registradas 89 espécies medicinais distribuídas em 43 famílias botânicas (Tab. 1). As famílias mais representativas em número de espécies foram Lamiaceae (11 spp.) e Asteraceae (7 spp.). O uso de plantas medicinais das famílias Lamiaceae e Asteraceae é predominante em vários levantamentos etnobotânicos realizados em diferentes regiões do país (Moerman *et al.* 1999; Begossi *et al.* 2002; Di Stasi *et al.* 2002; Gazzaneo *et al.* 2005; Pasa *et al.* 2005; Boscolo & Senna-Valle 2008).

Considerando a origem das espécies, os informantes do presente estudo citaram 50 espécies exóticas e 39 nativas. Begossi *et al.* (2002) estudaram diversas comunidades caiçaras ao longo da costa sudeste do país e identificaram um total de 227 espécies indicadas como de uso medicinal,

sendo 38 destas nativas da Mata Atlântica; Silva & Proença (2008) ao analisarem o uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás apuraram 77 plantas exóticas e 21 nativas.

Em relação ao hábito, 51% das espécies são herbáceas. As arbóreas representam 29% do total e as arbustivas e trepadeiras 10% cada. As espécies herbáceas investem em compostos secundários de alta atividade biológica, como alcalóides, glicosídeos e terpenóides, ao invés de desenvolver sistemas de defesas estruturais e de alto peso molecular, como taninos e ligninas, o que explica a grande utilização das ervas nos sistemas médicos populares (Stepp & Moerman 2001).

Nas indicações dos informantes encontram-se 10 diferentes partes e exudados vegetais utilizados medicinalmente. A folha foi a mais citada (59%), seguida por planta toda (14%) e caule (9%). Trabalhos etnobotânicos na Mata Atlântica frequentemente encontram a folha como a parte do vegetal mais utilizada nas preparações dos remédios caseiros (Costa-Neto & Oliveira 2000; Di Stasi & Lima 2002). Este resultado pode estar relacionado a maior facilidade na obtenção de folhas em relação as demais partes do vegetal, principalmente flores e frutos.

Os dados mostram que 85% das espécies com propriedade medicinal são cultivadas nos quintais dos informantes e destinadas para consumo do núcleo familiar ou da vizinhança. Destas, 64% são exóticas e 36% nativas. O cultivo nos quintais é, notadamente, resultante da comodidade que ele representa, em razão dos variados impedimentos de deslocamento dos especialistas locais, tanto para as áreas mais distanciadas de mata, onde poderiam extrair espécies nativas para suprir demandas eventuais, como para Paraty, onde poderiam adquirir as plantas no comércio da cidade.

O extrativismo dos recursos medicinais não foi observado como uma prática comum, restringindo-se apenas a coletas ocasionais, decorrentes de uma necessidade específica. Christo *et al.* (2006) consideram que as comunidades situadas em áreas de domínio de Mata Atlântica, cuja diversidade de táxons e potencialidades de uso são elevadas mas que não possuem o costume de retirar plantas da floresta, pode tornar-se um fato preocupante a medida em que a flora nativa perde importância em detrimento do uso de espécies cultivadas, contribuindo para a perda do conhecimento tradicional sobre a vegetação local. Diversos autores concordam que a degradação do meio ambiente, acarretando a redução da disponibilidade de plantas nativas para fins medicinais, juntamente com a facilidade de acesso aos meios de comunicação e o contato com sistemas culturais distintos, são importantes fatores responsáveis para a deterioração do saber tradicional sobre os recursos vegetais (Amorozo 2002; Laraia 2002; Christo *et al.* 2006).

As indicações terapêuticas tratadas com as 89 plantas medicinais citadas neste trabalho foram agrupadas em 13 categorias de doenças segundo a CID. As categorias mais citadas foram: a que trata do sistema gastrointestinal, com 89 citações, seguida da relacionada às doenças da pele e

Tabela 1. Plantas medicinais citadas pelos informantes da Praia do Sono, Paraty, RJ. Família / espécie. Nome local. "Status". Parte utilizada. Indicação. Local de coleta.

Família / espécie	Nome local	"Status"	Parte utilizada	Indicação	Local de coleta
ALISMATACEAE					
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch.	chapéu-de-couro	nativa	folha	fortificante; problemas nos rins	quintal
AMARANTHACEAE					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	terramicina	nativa	folha	antiinflamatório; infecção urinária; inflamação do útero; infecção de garganta; machucadura; cicatrizante	quintal
<i>Iresine herbstii</i> Hook.	arnica; paraguaia	exótica	folha	machucadura	quintal
AMARYLLIDACEAE					
<i>Allium sativum</i> L.	alho	exótica	caule	dor de garganta	quintal
ANACARDIACEAE					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	caju	nativa	fruto	ferimentos na boca	quintal
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	exótica	folha	dente inflamado	quintal
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	nativa	caule	inflamação no útero; problema no útero	praia
ANNONACEAE					
<i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.	bicuiba	nativa	fruto	ferimento	mata
ASTERACEAE					
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	camomila; macela	nativa	inflorescência	calmante; baixar a pressão; problema nos rins	mata
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	erva-de-são-joão	nativa	planta toda	cicatrizante; dor de estômago	quintal
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	exótica	caule	doenças do fígado	quintal
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão	nativa	planta toda	doenças do fígado; dor de urina; anemia; hepatite; icterícia	quintal
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	nativa	folha	gripe	quintal
<i>Vernonia beyrichii</i> Less.	cambará-roxo	nativa	folha	catarro no peito	mata
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	assa-peixe	exótica	folha	gripe	quintal
BIGNONIACEAE					
<i>Crescentia cujete</i> L.	cabaço	exótica	fruto	expulsar a placenta após o parto; anemia	quintal
BORAGINACEAE					
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	baleeira	exótica	folha	contusão	quintal
BRASSICACEAE					
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i> D.C.	couve	exótica	folha	anemia	quintal
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	agrião	exótica	folha	bronquite	quintal
BROMELIACEAE					
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	exótica	fruto	pneumonia	quintal
CARICACEAE					
<i>Carica papaya</i> L.	mamão-macho	exótica	flor	tosse; gripe; coqueluche	quintal
CECROPIACEAE					
<i>Cecropia pachystachya</i> Trec.	baibera; imbaíba	nativa	folha	tosse	mata; quintal
CHENOPODIACEAE					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	santa-maria	exótica	parte aérea	machucadura	quintal
CONVOLVULACEAE					
<i>Ipomea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	exótica	raíz	dente inflamado	quintal
COSTACEAE					
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	cana-do-brejo	nativa	folha	problema nos rins	quintal
CRASSULACEAE					
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (L. f.) Oken	estalo	exótica	folha	frieira	mata; quintal

Continua

Tabela 1. Continuação

Família / espécie	Nome local	“Status”	Parte utilizada	Indicação	Local de coleta
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess	saião	nativa	folha	expectorante; tosse; machucadura; frieira	quintal
CUCURBITACEAE					
<i>Cucurbita pepo</i> L.	abóbora	exótica	flor	dor de ouvido	quintal
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	exótica	folha	reumatismo hemorroida	quintal
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	chuchu	exótica	folha	pressão alta; cólica	quintal
DILLENIACEAE					
<i>Davilla rugosa</i> Poiret	cipó-caboclo	nativa	caule	bom pra vista	mata
ERYTROXYLACEAE					
<i>Erytroxylum ovalifolium</i> Peyr.	futiabeira; putiabeira	nativa	folha	machucadura; cicatrizante de ferida; antiinflamatório	quintal
EUPHORBIACEAE					
<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	quebra-pedra	nativa	planta toda	dor de urina; problemas nos rins; infecção na urina	quintal
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	exótica	folha	dor de cabeça	quintal
FABACEAE					
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	feijão-guandu	exótica	folha	dor de dente; pressão	quintal
<i>Desmodium adscendens</i> (SW.) DC.	carrapichinho	nativa	planta toda	dor de urina	mata
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	nativa	caule	fortificante	mata
<i>Mimosa pudica</i> L.	dormideira	nativa	planta toda	inflamação no dente; inflamação na garganta	quintal
LAMIACEAE					
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade	exótica	folha	inflamação na urina	quintal
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	santa-rita	exótica	planta toda	dor de estômago	quintal
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl.) Kuntze	erva-madre	nativa	planta toda	corrimento	quintal
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	exótica	planta toda	tosse	quintal
<i>Mentha sativa</i> L.	hortelã-de-bicho; hortelã-miúdo; hortelãzinho; hortelã	exótica	folha	tosse; verme	quintal
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjerição	exótica	folha	dor de dente; má digestão	quintal
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	alfavaca	nativa	folha	tosse; gripe	quintal
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-de-galinha	exótica	folha	tosse; dor de barriga	quintal
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	exótica	folha	cólica; dor no estômago; ressaca; doenças do fígado	quintal
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	anador	exótica	folha	dor de estômago; dor no fígado; dor de dente; dor de cabeça	quintal
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	exótica	folha	má digestão	quintal
LAURACEAE					
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	exótica	folha	gases	quintal
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	exótica	folha	problema nos rins; soltar a urina; infecção urinária; doenças do fígado; tosse ; reumatismo	quintal
LECYTHIDACEAE					
<i>Carimiana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	jequitibá	nativa	caule	infecção no útero	mata
LORANTHACEAE					
<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	erva-de-passarinho	nativa	folha	machucadura; dor no peito, dor na costela	quintal

Continua

Tabela 1. Continuação

Família / espécie	Nome local	“Status”	Parte utilizada	Indicação	Local de coleta
LYTRACEAE					
<i>Punica granatum</i> L.	romã	exótica	fruto	garganta inflamada	quintal
MALVACEAE					
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	exótica	folha	infecção no útero; inflamação no útero; cicatrizante	mata
<i>Sida planicaulis</i> Cav.	vassoura	nativa	folha	puxar o puz do furúnculo	quintal
MORACEAE					
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	exótica	folha	erisipela	quintal
<i>Morus nigra</i> L.	amora	exótica	folha	aliviar as coisas da menopausa; doenças dos rins	quintal
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich	espinheira-santa	nativa	folha	problemas no estômago; úlcera	mata
MUSACEAE					
<i>Musa X paradisiaca</i> L.	banana	exótica	folha	estancar o sangue	quintal
MYRTACEAE					
<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto	exótica	folha	rinite; sinusite - inalação	quintal
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	nativa	folha	tosse; expectorante; febre; diarreia	quintal
<i>Plinia edulis</i> (O. Berg) Nied	cambucá	nativa	folha	tosse	quintal
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	exótica	folha	diarreia; dor de barriga	quintal
PASSIFLORACEAE					
<i>Passiflora alata</i> Curtis	maracujá	nativa	folha	calmante	quintal
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	nativa	folha	calmante	quintal
PHYLLANTHACEAE					
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	quebra-pedra	nativa	planta toda	dor de urina; problemas nos rins; infecção na urina	quintal
PIPERACEAE					
<i>Piper mollicomum</i> Kunth	joão-borandí	nativa	folha	queda de cabelo	quintal
<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	pariparoba	nativa	raiz	anemia	mata
POACEAE					
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	capim-cidreira; capim-cidão	exótica	folha	diarreia; dor de estômago; cólica intestinal; vômito; calmante	quintal
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	pé-de-galinha	exótica	planta toda	esporão; osteoporose	quintal
POLYGALACEAE					
<i>Polygala paniculata</i> L.	arnica; gelol	nativa	raiz	contusão	quintal
ROSACEAE					
<i>Rosa canina</i> L.	rosa-branca	exótica	flor	infecção de urina; bom pra vista; dente inflamado; inflamação na garganta; ferida na boca	quintal
<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	amora-de-espinho	nativa	planta toda	dente inflamado; ferida na boca; infecção de urina	mata
RUBIACEAE					
<i>Coffea arabica</i> L.	café	exótica	semente	problema na vista	quintal
RUTACEAE					
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja-china; laranja-lima	exótica	folha	gripe; gripe com febre	quintal
<i>Citrus deliciosa</i> Ten.	laranja-crava; mixirica	exótica	folha	gripe	quintal
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	limão	exótica	folha	resfriado; aumentar o apetite; tirar acidez da boca; inflamação na garganta	quintal

Continua

Tabela 1. Continuação

Família / espécie	Nome local	“Status”	Parte utilizada	Indicação	Local de coleta
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	pocã	exótica	folha	gripe	quintal
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-baía; laranja	exótica	folha	gripe	quintal
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	exótica	folha	febre	quintal
SOLANACEAE					
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-preta	nativa	folha	machucadura	quintal
<i>Solanum sisymbirifolium</i> Lam.	rebenta-cavalo	nativa	fruto	coloca no furúnculo para puxar o puz; inflamação no dente	quintal
ULMACEAE					
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	candiúba	nativa	caule	icterícia; hemorróida	mata
VERBENACEAE					
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	erva-cidreira	nativa	folha	pressão alta; cólica menstrual; calmante; dor de estômago; cólica intestinal; vômito; diarréia	quintal
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	gervão	nativa	planta toda	anemia	quintal
XANTHORRHOACEAE					
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	exótica	mucilagem	queimadura; queda de cabelo	quintal
ZINGIBERACEAE					
<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	ciosa	exótica	flor	coqueluche	quintal
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gingibre	exótica	caule	reumatismo; artrite	quintal

do tecido subcutâneo, com 60 citações e da que inclui as patologias associadas ao sistema respiratório, com 58 citações. As doenças mais citadas na presente pesquisa também aparecem como as mais comuns no Pará (Amorozo & Gély, 1988), no Mato Grosso (Amorozo 2002) e na região sudeste do país (Medeiros *et al.* 2004; Pilla *et al.* 2006).

Bennet & Prance (2000) assumem que a planta mais importante numa comunidade é aquela que for mais versátil, ou seja, a planta que for utilizada para tratar a maior variedade de doenças, sendo, portanto, considerada um “remédio milagroso”. No entanto, se o objetivo for a busca de novas drogas, a concordância das respostas dos informantes sobre o uso medicinal de uma determinada planta é extremamente importante, já que plantas utilizadas para muitos fins teriam uma menor credibilidade quando comparadas aquelas com maior fidelidade de uso.

Lippia alba (Mill.) N. E. Br. (erva-cidreira) apresentou o maior valor de Importância Relativa (IR = 2,0), ou seja, foi a espécie indicada para o tratamento de um maior número de sintomas, seguida de *Alternanthera brasiliana* (L.) O. Kuntze (terramicina) e *Persea americana* Mill. (abacate), ambos com IR = 1,57 (Tab. 2).

Dez espécies apresentaram grande versatilidade quanto aos seus usos, com IR > 1, sendo indicadas para até 10 sistemas corporais. O uso de plantas com IR > 1 também vem sendo relatado em outras regiões do país, como exemplifica o estudo de Almeida & Albuquerque (2002) realizado na feira de Caruaru, estado de Pernambuco, que apresentou nove espécies com IR > 1 para o tratamento de até oito categorias de doença.

O fator de Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) aponta os usos mais difundidos e aceitos para uma espécie, já que são utilizados e reconhecidos pelos informantes, o que poderia evidenciar maior segurança quanto à sua validade (Vendruscolo & Mentz 2006). Assim, este fator tem sido utilizado para indicar quais plantas devem ter prioridade de estudos, ou seja, direcionar os estudos para bioprospecção (Thring & Weitz 2006).

As espécies com CUPc maior que 50% apresentam um apreciável consenso de uso popular, o que pode indicar potencial medicinal, funcionando como uma pré-triagem de espécies para estudos etnofarmacológicos (Silva & Proença 2008). Nesse estudo, 13 espécies apresentaram um alto consenso de informações, o que pode implicar maior eficácia quanto ao uso (Tab. 3).

Dois espécies medicinais oriundas exclusivamente da mata, e, portanto, obtidas por extrativismo, apresentaram a Concordância de Uso Principal corrigido com valores acima de 50%: *Davilla rugosa* Poir et *Trema micrantha* (L.) Blume (ambas com CUPc = 55,6%). *Cecropia pachystachya* Trec. (também com CUPc = 55,6%) é coletada tanto na mata quando em quintais.

A partir dos resultados obtidos neste trabalho foi possível concluir que, apesar das diversas influências oriundas da convivência com habitantes de grandes centros urbanos que contribuem com a transformação das tradições locais, as características associadas ao povo caiçara ainda persistem de forma bem evidente na população da Praia do Sono.

Tabela 2. Índice de Importância Relativa (IR) das espécies medicinais indicadas pelos informantes da Praia do Sono.

IR	Espécies
2,00	<i>Lippia alba</i>
1,57	<i>Alternanthera brasiliana</i> ; <i>Persea americana</i>
1,46	<i>Rosa canina</i>
1,32	<i>Bidens pilosa</i> ; <i>Eugenia uniflora</i>
1,18	<i>Achyrocline satureoides</i>
1,07	<i>Citrus limon</i> ; <i>Cymbopogon citratus</i> ; <i>Plectranthus ornatus</i>
0,93	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> ; <i>Rubus rosifolius</i>
0,79	<i>Ageratum conyzoides</i> ; <i>Cajanus cajan</i> ; <i>Carica papaya</i> ; <i>Chenopodium ambrosioides</i> ; <i>Crescentia cujete</i> ; <i>Echinodorus grandiflorus</i> ; <i>Erytroxylum ovalifolium</i> ; <i>Mentha sativa</i> ; <i>Momordica charantia</i> ; <i>Plectranthus amboinicus</i> ; <i>Sechium edule</i> ; <i>Solanum sisymbriifolium</i> ; <i>Struthanthus concinnus</i>
0,68	<i>Plectranthus barbatus</i>
0,54	<i>Aloe vera</i> ; <i>Eleusine indica</i> ; <i>Eucalyptus</i> sp.; <i>Gossypium herbaceum</i> ; <i>Mimosa pudica</i> ; <i>Morus nigra</i> ; <i>Ocimum basilicum</i> ; <i>Ocimum selloi</i> ; <i>Trema micrantha</i> ; <i>Zingiber officinale</i>
0,39	<i>Allium sativum</i> ; <i>Anacardium occidentale</i> ; <i>Ananas comosus</i> ; <i>Artocarpus heterophyllus</i> ; <i>Baccharis trimera</i> ; <i>Brassica oleracea</i> ; <i>Bryophyllum pinnatum</i> ; <i>Cariniana estrellensis</i> ; <i>Cecropia pachystachya</i> ; <i>Citrus aurantium</i> ; <i>Citrus deliciosa</i> ; <i>Citrus reticulata</i> ; <i>Citrus sinensis</i> ; <i>Coffea arabica</i> ; <i>Cordia verbenacea</i> ; <i>Costus spicatus</i> ; <i>Cucurbita pepo</i> ; <i>Davilla rugosa</i> ; <i>Desmodium adscendens</i> ; <i>Euphorbia prostrata</i> ; <i>Guatteria australis</i> ; <i>Hedychium coronarium</i> ; <i>Hymenaea courbaril</i> ; <i>Ipomea batatas</i> ; <i>Iresine herbstii</i> ; <i>Laurus nobilis</i> ; <i>Leonotis nepetaefolia</i> ; <i>Leonurus sibiricus</i> ; <i>Mangifera indica</i> ; <i>Marsypianthes chamaedrys</i> ; <i>Mentha pulegium</i> ; <i>Mikania glomerata</i> ; <i>Musa X paradisiaca</i> ; <i>Nasturtium officinale</i> ; <i>Passiflora alata</i> ; <i>Passiflora edulis</i> ; <i>Phyllanthus tenellus</i> ; <i>Piper mollicomum</i> ; <i>Piper umbellata</i> ; <i>Plinia edulis</i> ; <i>Polygala paniculata</i> ; <i>Psidium guajava</i> ; <i>Punica granatum</i> ; <i>Ricinus communis</i> ; <i>Rosmarinus officinalis</i> ; <i>Ruta graveolens</i> ; <i>Schinus terebinthifolius</i> ; <i>Sida planicaulis</i> ; <i>Solanum americanum</i> ; <i>Sorocea guillemianiana</i> ; <i>Stachytarpheta cayennensis</i> ; <i>Vernonia beyrichii</i> ; <i>Vernonia polyanthes</i>

Tabela 3. Espécies medicinais ordenadas quanto à Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) maior que 50% entre os informantes da Praia do Sono.

Espécie	Usos principais	CUPc (%)
<i>Alternanthera brasiliana</i>	machucadura	88,9
<i>Chenopodium ambrosioides</i>	machucadura; verme	77,8
<i>Eugenia uniflora</i>	febre	77,8
<i>Psidium guajava</i>	dor de barriga; diarreia	77,8
<i>Solanum americanum</i>	machucadura	77,8
<i>Mentha sativa</i>	verme	66,7
<i>Carica papaya</i>	tosse	55,6
<i>Cecropia pachystachya</i>	tosse	55,6
<i>Davilla rugosa</i>	bom pra vista	55,6
<i>Erytroxylum ovalifolium</i>	machucadura	55,6
<i>Ricinus communis</i>	dor de cabeça	55,6
<i>Sechium edule</i>	pressão alta	55,6
<i>Trema micrantha</i>	icterícia	55,6

Os informantes deste estudo indicaram que o uso dos recursos vegetais é uma importante prática desenvolvida por eles e que a transmissão do conhecimento sobre as plantas medicinais se caracteriza por uma mistura de práticas e trocas de saberes entre pais, avós, familiares, amigos e vizinhos, de forma muito dinâmica e informal.

Os elevados valores de CUPc encontrados para os táxons nativos *Alternanthera brasiliana* (L.) O. Kuntze; *Cecropia pachystachya* Trec.; *Eugenia uniflora* L.; *Davilla rugosa* Poir.; *Erytroxylum ovalifolium* Peyr. e *Trema micrantha* (L.) Blume evidenciam que estes merecem atenção especial em estudos etnofarmacológicos, contribuindo para que o conhecimento

popular respaldado pelo conhecimento científico colabore para o uso racional de plantas medicinais e para a conscientização da importância de conservá-las.

Agradecimentos

À comunidade caiçara da Praia do Sono, por compartilharem seus conhecimentos; ao Programa UFRJ/CENPES, pelo apoio financeiro; ao Programa de Pós-Graduação em Botânica do Museu Nacional, pelo apoio e atenção; à pesquisadora Ivone Manzali de Sá, pela revisão do texto; aos

doutores Maria Christina de Mello Amorozo e Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira e ao amigo Alexandre Christo, pelas idéias; às amigas Maria Carmem Reis, Veronica Maioli-Azevedo e Gabriella Almeida, pelas ajudas no campo.

Referências bibliográficas

- Adams, C. 2000. Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo, Annablume/FAPESP.
- Albuquerque, U.P.; Lucena, R.F.P. & Cunha, L.V.F.C. (Orgs.). 2008. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, Comunigraf Editora/Nupeea.
- Alexiades, M.N. & Sheldon, J.W. (Eds.). 1996. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. The New York Botanical Garden Press. New York, **Advances in Economic Botany** 10: 1-306.
- Almeida, C.F.C.B.R. & Albuquerque, U.P. 2002. Uso e conservação de plantas medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência** 27: 276-285.
- Amorozo, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16: 189-203.
- Amorozo, M.C.M. & Gély, A. 1988. Uso de plantas medicinais pelos caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica** 4: 47-131.
- Angiosperm Phylogeny Group – (APG III). 2009. An update of the angiosperm phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society** 161: 105-121.
- Bennet, B.C. & Prance, G.T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of northern South America. **Economic Botany** 54: 90-102.
- Bernard, H.R. 1995. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Walnut Creek, Altamira Press.
- Begossi, A. 1998. Knowledge on the use of natural resources contributions to local management. In: Cotton, C.M. **Ethnobotany - principles and applications**. Chichester, John Wiley and Sons.
- Begossi, A.; Hanazaki, N. & Silvano, R.A.M. 2002. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. In: Amorozo, M.C.M.; Ming, L.C.; Silva, S.M.P. (Orgs.). **Método de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas - I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste**. Rio Claro, CNPq/UNESP.
- Begossi, A.; Hanazaki, N. & Tamashiro, J.Y. 2002. Medicinal Plants in the Atlantic Forest (Brazil): Knowledge, Use, and Conservation. **Human Ecology** 30: 281-299.
- Boscolo, O.H. & Senna-Valle, L. 2008. Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil. **Iheringia**, sér. Bot. 63(2): 263-277.
- Christo, A.G., Guedes-Bruni, R.R. & Fonseca-Krueel, V.S. 2006. Uso de recursos vegetais em comunidades limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, RJ: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. **Rodriguésia** 57: 519-542.
- Corrêa, M.P. 1926-1978. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Costa-Neto, E.M. & Oliveira, M.V.M. 2000. The use of medicinal plants in the country of Tanquinho, State of Bahia, Northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 2: 1-6.
- Cotton, C.M. 1996. **Ethnobotany: principles and applications**. Chichester, John Wiley and Sons.
- Diegues, A.C. & Arruda, R.S.V. 2001. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo, USP (Biodiversidade, 4).
- Diegues, A.C. & Viana, V.M. (Orgs.). 2004. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2 ed. São Paulo, Editora HUCITEC NUPAUB/CEC.
- Di Stasi, L.C. & Lima, C.A. 2002. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2 ed. São Paulo, UNESP.
- Di Stasi, L.C.; Oliveira, G.P., Carvalhaes, M.A., Queiroz-Junior, M., Tien, O.S., Kakinami, S.H. & Reis, M.S. 2002. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia** 73: 69-91.
- Elisabetsky, E. & Souza, G.C. 2004. Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas. In: Simões, C.M.O.; Schenkel, E.P.; Gosmann, G.; Mello, J.C.P.; Mentz, L.A. & Petrovick, P.R. (Orgs.) **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 5 ed. Florianópolis, UFSC.
- Gazzaneo, L.R.S.; Lucena, R.F.P. & Albuquerque, U.P. 2005. Knowledge and use of medicinal plants by local specialists in a region of Atlantic Forest in the state of Pernambuco (Northeastern Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 1: 1-11.
- IPNI – (The International Plants Names Index). Disponível em: <<http://www.ipni.org/>> . (Acesso em: 01/2010).
- Laraia, R.B. 2002. **Cultura: um conceito antropológico**. 15 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.
- Manzali de Sá, I. 2006. A interdisciplinaridade na pesquisa de plantas medicinais de uso tradicional. **Revista de Ciências Agroveterinárias** 5: 7-12.
- Marques, M.C.M.; Vaz, A.S.F. & Marquete, R. (Orgs.). 1997. **Flórua da APA de Cairuçu, Paraty, RJ: espécies vasculares**. Série estudos e contribuições nº14. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
- Martin, G.J. 1995. **Ethnobotany: a methods manual**. London, Chapman And Hall.
- Medeiros, M.F.T., Fonseca, V.S. & Andreato, R.H.P. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 18: 391-399.
- MMA – (Ministério do Meio Ambiente). 2002. **Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros**. Brasília, MMA.
- Moerman, D.E.; Pemberton, R.W.; Kiefer, D. & Berlin, B. 1999. A comparative analysis of five medicinal floras. **Journal of ethnobiology** 19: 49-67.
- Pasa, M.C.; Soares, J.N. & Guarim Neto G. 2005. Estudos etnobotânicos na comunidade de Conceição- Açú (alto de bacia do rio Ariçá Açú, MT, Brasil). **Acta Botanica Brasilica** 19: 195-207.
- Pilla, M.A.C.; Amorozo, M.C.M. & Furlan, A. 2006. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 789-802.
- Prance, G.T. 1995. Ethnobotany today and in the future. Pp. 60-67. In: Shultes, R.E. & Reis, S. Von (Eds.). 1995. **Ethnobotany: evolution of a discipline**. New York, Chapman & Hall.
- Sanchez, R.A. 2004. **Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins: litoral sul de São Paulo**. São Paulo, Annablume, FAPESP.
- SEMADS-RJ – (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Rio de Janeiro). 2001. **Atlas das Unidades de Conservação da Natureza do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Metalivros.
- Silva, C.S.P. & Proença, C.E.B. 2008. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 22: 481-492.
- Stehmann, J.R.; Forzza, R. C.; Salino, A.; Sobral, M.; Da Costa, D.P. & Kamino, L.H.Y. (Orgs.). 2009. **Plantas da Floresta Atlântica**. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
- Stapp, J.R. & Moerman, D.E. 2001. The importance of weeds in ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology** 75: 19-23.
- Thring, T.S.A. & Weitz, F.M. 2006. Medicinal plant use in the bredasdorp/ Elim region of the Southern Overberg in the Western Cape Province of South Africa. **Journal of Ethnopharmacology** 103: 261-275.
- Vendruscolo, G.S. & Mentz, L.A. 2006. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20: 367-382.
- W3 Tropicos (Missouri Botanical Garden VAST – Vascular Trópicos). Disponível em: <[Http://www.tropicos.org/](http://www.tropicos.org/)> (Acesso em 01/ 2010).
- Willems, E. 2003. A ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil. São Paulo, Editora Hucitec.
- World Health Organization – (WHO). 2007. **Classificação Internacional de Doenças**. Disponível em: <[Http://www.who.int/classifications/apps/icd/icd10online](http://www.who.int/classifications/apps/icd/icd10online)> (Acesso em 01/2009).